

## NOTAS SOBRE O PROBLEMA DA MEMÓRIA EM BERGSON, PROUST E FREUD: A LEITURA DIALÉTICA DE BENJAMIN

### NOTES ON THE PROBLEM OF MEMORY IN BERGSON, PROUST AND FREUD: THE BENJAMIN'S READING DIALECTIC

Jéverton Soares dos Santos<sup>1</sup>

**RESUMO:** A memória é, sem dúvida, uma das capacidades cognitivas mais fascinantes que temos. Compreendê-la foi um dos grandes desafios da história do pensamento, e ainda continua sendo. Tendo ciência da complexidade do tema, propomos examiná-lo sob a luz da interpretação de Benjamin. Naturalmente que esta escolha não foi pautada por algum motivo aleatório. Frequentemente se associam os conceitos de memória voluntária e involuntária, presentes no *Em Busca do Tempo Perdido*, com as ideias defendidas pelo filósofo Bergson. Através de suas instigantes análises, Benjamin problematiza tal aproximação, mostrando que é forçada, que não condiz com a concepção de memória descrita pelo literário francês. A hipótese benjaminiana é de que o pensamento de Proust sobre a memória está mais próximo da teoria da memória de Freud. Benjamin então afasta Proust de Bergson e o aproxima do pai da psicanálise. Nosso propósito é compreender qual é o papel que uma teoria da memória pode ter na filosofia de Benjamin.

Palavras-chave: Teorias da Memória; Benjamin; Bergson, Proust e Freud;

**ABSTRACT:** Memory is undoubtedly one of the most fascinating cognitive abilities we have. Understand it was a major challenge in the history of thought, and still is. We propose to examine it under the light of the interpretation of Benjamin. The choice by Benjamin was not guided by some random reason. Often the tradition associates the concepts of voluntary and involuntary memory, present in *Search of Lost Time*, with the ideas defended by the philosopher Bergson. Benjamin discusses this approach, through his thought-provoking analysis, he shows that it is forced, which is not consistent with the concept of memory described by French literary. The Benjamin's hypothesis is Proust's theory of memory is closer to Freud's theory of memory. Benjamin then departs Proust of Bergson and he approaches Proust the father of psychoanalysis. Our purpose is to understand what is the role that a theory of memory can have the philosophy of Benjamin. Keywords: Theories of Memory; Benjamin; Bergson, Proust and Freud;

### PREÂMBULO

Este artigo examina o problema da memória na obra *Em Busca do Tempo Perdido* de Marcel Proust tendo como ponto de partida a leitura de Walter Benjamin. Isso não significa, no entanto, que o nosso ponto de chegada seja simplesmente o romance de Proust. O filósofo do anjo, como ficou conhecido o autor de *Sobre o Conceito de História*, vai muito além quando o tema é memória. Vejamos por quê.

Benjamin em seu ensaio *Sobre alguns temas de Baudelaire* analisa a monumental obra de Proust diferentemente do modo pelo qual já havia abordado anteriormente, no texto *A Imagem de Proust*. Enquanto que no texto da juventude, Benjamin analisa a obra de modo mais estético, no ensaio tardio o romance toma outras dimensões. É que Benjamin critica a redução do texto proustiano

---

<sup>1</sup> Mestrando em Filosofia do PPG da PUCRS, orientado pelo Prof<sup>o</sup> Dr<sup>o</sup> Nythamar de Oliveira. E-mail: jevertonsoares@hotmail.com.

às ideias filosóficas de Henri Bergson. No entanto, admite que ainda seja possível estabelecer algum grau de semelhança entre os dois, principalmente no que tange o conceito de duração bergsoniano. Mas o que mais surpreende no contexto de *Sobre alguns temas de Baudelaire* é a aproximação benjaminiana entre a teoria de memória proustiana com a psicanálise de Freud. Benjamin se baseará em dois textos fundamentais da teoria freudiana da memória, qual seja o *Para além do princípio do Prazer* e *Sobre o bloco mágico*.

A divisão metodológica do artigo se pautará essencialmente pelo itinerário teórico apresentado brevemente no parágrafo anterior. Vale ressaltar também que nossa pesquisa não parte de um problema específico, assim como a redação da obra proustiana não tentava responder uma querela filosófica ou científica singular. A relevância do tema não está nas perguntas que motivaram esta pesquisa, que não foram poucas, mas nos problemas que surgem ao evocarmos pensadores de narrativas tão distintas. O leitor atento perceberá que a chave de interpretação deste artigo é essencialmente dialética, no sentido de explicitar que a compreensão da memória deve ser pautada paradoxalmente pelo entendimento do esquecimento, que via de regra é considerado o oposto da memória. A nossa esperança, no entanto, é que o tema da memória não caia no esquecimento pela tradição filosófica.

## 1 BERGSON E PROUST: EM BUSCA DA MEMÓRIA

Na vasta literatura que aborda o teor filosófico do livro *Em Busca do Tempo Perdido* de Proust, encontramos ao menos uma certeza: é impossível compreender a obra do literário francês sem fazer nenhuma menção à filosofia de Henri Bergson<sup>2</sup>. É claro que precisamos ter cautela ao preferirmos esta asserção, já que não significa necessariamente que haja um consenso sobre a influência direta do filósofo no pensamento do romancista. O que existe mesmo entre os estudiosos é a convicção de que tratar de Proust sem negar ou afirmar qualquer aproximação com Bergson é fazer uma leitura unilateral e historicamente descontextualizada do romance proustiano.

Para que se possa ter uma ideia, Jonah Lehrer recentemente argumentou em seu famoso livro *Proust era um neurocientista*, que a teoria da memória proustiana foi fortemente influenciada pela filosofia de Bergson. O autor salienta que Proust foi o primeiro artista a interiorizar a crítica do filósofo francês à visão mecanicista de ciência<sup>3</sup>. Defende, com certo exagero, que a obra proustiana é a celebração do conceito de intuição presente em *Matéria e Memória*<sup>4</sup>. *Mutatis mutandis*, significa dizer que o romance de Proust é a aplicação literária da teoria de Bergson. No entanto, será que podemos afirmar *tout court* que Proust era um adepto da visão de Bergson? Ou Proust insurge como opositor da concepção de memória bergsoniana? Estamos mais inclinados a crer que a segunda opção

---

<sup>2</sup> Cf MEGAY, J. *Bergson et Marcel Proust*. Paris: Vrin, 1976. Apud ROSSETTI, R. *Acordes e dissonâncias entre Bergson e Proust*. Filosofia Unisinos, 10(1):79-91, jan/abr, 2009. p.80.

<sup>3</sup> LEHRER, J. *Proust era um neurocientista*. Trad. Ana Carneiro. Alfragide: Lua de Papel, 2009. p.100.

<sup>4</sup> LEHRER, J. *Proust era um neurocientista*. Trad. Ana Carneiro. Alfragide: Lua de Papel, 2009. p.100.

esteja mais próxima da verdade do que a primeira. Vale sublinhar, no entanto, que Lehrer é de longe o único a pensar que Proust é um romancista inspirado na filosofia bergsoniana.

Regina Rossetti, por exemplo, em seu instigante artigo intitulado *Acordes e dissonâncias entre Bergson e Proust*, argumenta que Proust é um bergsoniano intermitente<sup>5</sup>. Além disso, ela realiza uma breve revisão bibliográfica desta polêmica envolvendo Bergson e Proust. A autora mostra, grosso modo, que existe a polarização de interpretações acerca do tema. Se de um lado há autores que negam radicalmente qualquer parentesco de ideias entre a filosofia bergsoniana e o romance proustiano, tais como Poulet, Genette, Dresden, Ricouer, Deleuze, por outro existem os que afirmam categoricamente a existência de uma forte influência bergsoniana no romance proustiano, tais como Wilson, Souza, Maurois, Cattai, Brincourt, Delattre<sup>6</sup>. O mérito de Rossetti foi, a nosso ver, situar Benjamin entre estes dois extremos, mostrando que o filósofo alemão apesar de negar a influência direta de Bergson em Proust não descarta a possibilidade de se estabelecer alguma relação entre os dois<sup>7</sup>.

Para se entender a posição de Benjamin com relação à tensão existente entre a concepção de memória de Proust e Bergson é necessário ter em mente o problema da perda do sentido da tradição na modernidade. Neste sentido, vale destacar que não é a toa que as reflexões benjaminianas mais importantes sobre Proust se encontram no ensaio intitulado *Sobre alguns temas de Baudelaire*, tendo em vista que para o filósofo do anjo, Baudelaire é a imagem emblemática da modernidade.

Não obstante antes de tratarmos da instigante interpretação de Benjamin sobre a questão da memória em Proust e Bergson, pretendemos expor algumas das principais ideias destes dois autores franceses acerca do tema, com o intuito de justificar nossa hipótese inicial, qual seja a de que o conceito de memória presente *Em Busca do Tempo Perdido* de Proust deve ser compreendido como sendo radicalmente distinto daquele defendido por Bergson em *Matéria e Memória*.

## 1.1 A CORRESPONDÊNCIA ENTRE A MEMÓRIA E A CONSCIÊNCIA: A TEORIA DE BERGSON

As experiências de Münsterberg, de Külpe, não deixam a menor dúvida quanto a esse ponto: toda imagem-lembrança capaz de interpretar nossa percepção atual insinua-se nela, a ponto de não podermos mais discernir o que é percepção e o que é lembrança.  
(Bergson, *Matéria e Memória*, p.117).

---

<sup>5</sup> ROSSETTI, R. *Acordes e dissonâncias entre Bergson e Proust*. Filosofia Unisinos,10(1):79-91,jan/abr,2009.p.82.

<sup>6</sup> ROSSETTI, R. *Acordes e dissonâncias entre Bergson e Proust*. Filosofia Unisinos,10(1):79-91,jan/abr,2009.p.80-82.

<sup>7</sup> ROSSETTI, R. *Acordes e dissonâncias entre Bergson e Proust*. Filosofia Unisinos,10(1):79-91,jan/abr,2009.p.81.

Bergson articula em *Matéria e Memória* uma teoria da memória partindo do pressuposto que ela é uma fonte primária de conhecimento da realidade<sup>8</sup>. No entanto, o tema central do livro não é a memória a propriamente dita, mas a querela clássica sobre o problema da realidade do corpo e do espírito<sup>9</sup>. Neste sentido, vale destacar que o filósofo defende uma visão dualista sobre a existência da matéria. Critica, no entanto, o reducionismo feito pelas correntes idealistas e realistas. Para ele, não é verdade que a matéria se reduza a representação que temos dela (idealismo), e tampouco ela seja de uma natureza absolutamente diferente da representação (realismo)<sup>10</sup>. Bergson define matéria como sendo imagem. Esta imagem é o meio termo entre a posição idealista e realista radicais<sup>11</sup>. O autor fundamenta sua posição dualista apelando à visão do senso comum sobre o conhecimento de objetos ou coisas<sup>12</sup>.

Além do mais Bergson se opõe radicalmente a tese do paralelismo, qual seja a de que operações mentais e cerebrais seriam duas perspectivas distintas do mesmo fenômeno<sup>13</sup>. É evidente, para o filósofo, que a mente depende do cérebro, mas não é tão lógico assim que ela se reduza ao cérebro<sup>14</sup>. Ele ilustra esta ideia comparando o cérebro com um prego, fixado numa parede, e a mente com uma roupa, que é apoiada sobre ele. Pergunta o autor: “*diremos por isso que a forma do prego indica a forma da roupa ou nos permite de algum modo pressenti-la*”<sup>15</sup>? Destarte os fenômenos mentais, entre eles a memória, não podem ser tratados como epifenômenos da fisiologia cerebral<sup>16</sup>.

Se os fenômenos mentais não se reduzem aos cerebrais, como Bergson explica o vínculo existente entre o cérebro e a mente? A resposta é simples e esclarecedora no que tange o papel que a memória tem em sua teoria dualista da matéria: é justamente a memória que garante a dependência

---

<sup>8</sup> “A memória sob estas duas formas, enquanto recobre com uma camada de lembranças um fundo de percepção imediata, e também enquanto ela contrai uma multiplicidade de momentos, constitui a principal contribuição da consciência individual na percepção, o lado subjetivo de nosso conhecimento das coisas”. In: BERGSON, H. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. Trad. Paulo Neves. 2º edição. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p.34.

<sup>9</sup> BERGSON, H. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. Trad. Paulo Neves. 2º edição. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p.7.

<sup>10</sup> BERGSON, H. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. Trad. Paulo Neves. 2º edição. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p.1.

<sup>11</sup> BERGSON, H. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. Trad. Paulo Neves. 2º edição. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p.2.

<sup>12</sup> BERGSON, H. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. Trad. Paulo Neves. 2º edição. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p.2.

<sup>13</sup> SEAGER, W. ; ALLEN-HERMANSON, S. *Panpsychism*, The Stanford Encyclopedia of Philosophy (Winter 2012 Edition), Edward N. Zalta (ed.), <<http://plato.stanford.edu/archives/win2012/entries/panpsychism/>>. Acesso em 20/05/2013. 15:00:00.

<sup>14</sup> BERGSON, Henri. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. Trad. Paulo Neves. 2º edição. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p.5.

<sup>15</sup> BERGSON, Henri. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. Trad. Paulo Neves. 2º edição. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p.5.

<sup>16</sup> BERGSON, Henri. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. Trad. Paulo Neves. 2º edição. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p.4.

recíproca entre corpo e alma. “A lembrança”, escreve o filósofo, “conforme procuraremos mostrar na presente obra, representa precisamente o ponto de interseção entre o espírito e a matéria”<sup>17</sup>.

A memória é a evidência cabal para a resolução do problema do dualismo mente-cérebro. Mais do que isto: ela prova também que o papel do cérebro no desempenho das funções mentais é secundário<sup>18</sup>. Bergson explica que no processo de formação do pensamento, o cérebro tem um papel especialmente espacial. A imagem ou matéria, base de todo o pensamento, acaba por imprimir no cérebro a forma que ela representa na consciência<sup>19</sup>. É como se a memória fosse fruto do rastro deixado na consciência no movimento que as imagens realizam no interior da mente. Deste modo, a hipótese neurocientífica de que através de um mapeamento cerebral seja possível deduzir o que ocorre dentro da consciência é de antemão descartada pelo filósofo:

Aquele que pudesse penetrar no interior de um cérebro, e perceber o que aí ocorre, seria provavelmente informado sobre esses movimentos esboçados ou preparados; nada prova que seria informado sobre outra coisa. Ainda que fosse dotado de uma inteligência sobre-humana e tivesse a chave da psicofisiologia, seria tão esclarecido sobre o que se passa na consciência correspondente quanto o seríamos sobre uma peça de teatro acompanhando apenas os movimentos dos atores em cena.<sup>20</sup>

Eis o problema da interpretação baseada na análise empírica do cérebro para Bergson: o de se pretender dizer objetivamente aquilo que ocorre no plano intencional. Ele acredita que há níveis de vida mental inacessíveis para o observador<sup>21</sup>. Importante destacar que para o autor existe uma contradição inescapável na tentativa de reduzir as funções psicológicas às neurofisiológicas:

É o cérebro que faz parte do mundo material, e não o mundo material que faz parte do cérebro.(...)Fazer do cérebro a condição da imagem total é verdadeiramente contradizer a si mesmo, já que o cérebro, por hipótese, é uma parte dessa imagem. Nem os nervos nem os centros nervosos podem portanto condicionar a imagem do universo<sup>22</sup>.

O argumento de Bergson é simples de entender. O cérebro, o corpo, os impulsos cerebrais, os nervos, enfim, tudo o que envolve um objeto de percepção é matéria. Toda matéria é imagem. O cérebro, o corpo, os impulsos cerebrais, os nervos são, por conseguinte, imagens também. Quando um cientista, através da observação, infere que todos os fenômenos mentais podem ser explicados em termos neurais, ele está pressupondo, com ou sem ciência disso, que a realidade objetiva (entenda aqui toda a matéria, inclusive o universo), é produto do cérebro. O cientista está sendo mais idealista

---

<sup>17</sup> BERGSON, H. *Matéria e memória*: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Trad. Paulo Neves. 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 5.

<sup>18</sup> BERGSON, H. *Matéria e memória*: Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Trad. Paulo Neves. 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 6.

<sup>19</sup> BERGSON, H. *Matéria e memória*: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Trad. Paulo Neves. 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 6.

<sup>20</sup> BERGSON, H. *Matéria e memória*: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Trad. Paulo Neves. 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 7.

<sup>21</sup> BERGSON, H. *Matéria e memória*: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Trad. Paulo Neves. 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 7.

<sup>22</sup> BERGSON, H. *Matéria e memória*: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Trad. Paulo Neves. 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 13..

do que poderia supor ao afirmar algo deste tipo. A passagem do plano fisiológico para o ontológico acontece nos reducionismos materialistas. O pressuposto fundamental do argumento bergsoniano é o de que a percepção não opera sozinha, que apesar dela ser capaz de apreender o essencial da matéria, isto é, sua imagem, ela precisa da memória para atingir o estado de conhecimento completo do objeto<sup>23</sup>. Isso implica que devemos mudar o modo de abordar o próprio ato de percepção.

Bergson acredita que chegou o momento de tratar a memória como um fenômeno que ocorre junto com a percepção, de mostrar que a memória ocupa um lugar central no conhecimento, e não secundário como foi comumente defendido pela filosofia empirista, e que a memória é justamente o ponto de convergência entre a consciência e as coisas, entre o corpo e o espírito<sup>24</sup>. A memória tem, inclusive, o poder de substituir a percepção presente<sup>25</sup>, pois “*a memória está sempre presente*”<sup>26</sup>. Bergson afirma categoricamente que “*é preciso levar em conta que perceber acaba não sendo mais do que uma ocasião de lembrar*”<sup>27</sup>. Não é a lembrança que é uma percepção fraca, mas a percepção que é uma lembrança forte<sup>28</sup>. A diferença entre memória e percepção é de grau não de gênero<sup>29</sup>. Embora ele faça uma distinção metodológica entre percepção pura e memória pura, isto não significa que elas possam ser vistas afastadas, já que a memória é inseparável da percepção<sup>30</sup>. Além do mais, ele a levanta a hipótese da endosse<sup>31</sup> para explicar esta correlação entre memória e percepção<sup>32</sup>.

Não obstante se torna evidente que a teoria da memória de Bergson está fundamentada numa concepção anti-localizacionista da lembrança. Isso implica que Bergson não aceitaria uma explicação da memória que não remetesse a consciência. Ele chega a afirmar audaciosamente que lesões no

---

<sup>23</sup> BERGSON, H. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. Trad. Paulo Neves. 2º edição. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p.77.

<sup>24</sup> BERGSON, H. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. Trad. Paulo Neves. 2º edição. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 68-69.

<sup>25</sup> BERGSON, H. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. Trad. Paulo Neves. 2º edição. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 69.

<sup>26</sup> BERGSON, H. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. Trad. Paulo Neves. 2º edição. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 119.

<sup>27</sup> BERGSON, H. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. Trad. Paulo Neves. 2º edição. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 69.

<sup>28</sup> BERGSON, H. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. Trad. Paulo Neves. 2º edição. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 71.

<sup>29</sup> BERGSON, H. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. Trad. Paulo Neves. 2º edição. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 72.

<sup>30</sup> BERGSON, H. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. Trad. Paulo Neves. 2º edição. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p.75.

<sup>31</sup> “*Estes dois atos, percepção e lembrança, penetram-se portanto sempre, trocam sempre algo de suas substâncias mediante um fenômeno de endosse*”. In: BERGSON, H. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. Trad. Paulo Neves. 2º edição. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p.70. Apesar dele não desenvolva esta hipótese pormenormente, a ideia aqui é a de que no momento que ocorre a percepção da matéria, se estabelece uma corrente( no sentido elétrico), que vem de fora( da coisa) para dentro ( da consciência), que se mantém justamente por causa da intensidade da relação criada.

<sup>32</sup> BERGSON, H. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. Trad. Paulo Neves. 2º edição. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 70.

cérebro podem até atingir os movimentos mnemônicos dos circuitos neurais<sup>33</sup>, porém não são capazes de eliminar as lembranças<sup>34</sup>. “A memória é algo diferente de uma função do cérebro”<sup>35</sup>. A estratégica desenvolvida por Bergson, ao decorrer do livro, foi sintetizada pelo próprio autor nas páginas finais:

Em outras palavras, para facilitar o estudo tratamos inicialmente o corpo vivo como um ponto matemático no espaço e a percepção consciente como um instante matemático no tempo. Era preciso restituir ao corpo sua extensão e à percepção sua duração. Por isso reintegramos na consciência seus dois elementos subjetivos, a afetividade e a memória<sup>36</sup>.

Para levar a cabo sua argumentação sobre a memória, Bergson realiza um verdadeiro itinerário reflexivo, fundamentado em dois conceitos essenciais que aparecem nesta citação: o conceito de duração e o de afecção. O conceito de duração, grosso modo significa a impossibilidade de dividir o movimento incessante do tempo em instantes<sup>37</sup>. Já o de afecção ou afetividade<sup>38</sup> constitui simplesmente o modo *sui generis* que nós mesmos percebemos o nosso próprio corpo<sup>39</sup>. Ambos os conceitos são portadores de uma incomensurabilidade irreduzível. É o deslocando deste aspecto de incomensurabilidade para a memória, que Bergson conclui dizendo que ela nada mais é do que um evento da consciência. Vejamos:

Uma única hipótese permanece portanto possível, a de que o movimento concreto, capaz, como a consciência, de prolongar seu passado no presente, capaz, ao se repetir, de engendrar as qualidades sensíveis, já seja algo da consciência, algo da sensação<sup>40</sup>.

Tendo apresentado *en passant* a teoria da memória bergsoniana, passaremos a examinar brevemente em que sentido a concepção de memória de Proust se distancia radicalmente daquela que acabamos de expor aqui.

---

<sup>33</sup> Embora Bergson não tenha escrito “circuito neural”, no sentido que se emprega hoje nas pesquisas das neurociências, ele usa o conceito de “circuito” para designar justamente o aspecto neurofisiológico da memória, o que nos permite aqui utilizar a expressão circuito neural.

<sup>34</sup> BERGSON, H. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. Trad. Paulo Neves. 2º edição. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 85.

<sup>35</sup> BERGSON, H. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. Trad. Paulo Neves. 2º edição. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 277.

<sup>36</sup> BERGSON, H. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. Trad. Paulo Neves. 2º edição. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 272.

<sup>37</sup> BERGSON, H. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. Trad. Paulo Neves. 2º edição. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 221.

<sup>38</sup> BERGSON, H. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. Trad. Paulo Neves. 2º edição. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 58. Afecção e afetividade aparecem como sinônimos em vários momentos da obra, assim como corpo e cérebro. A diferença essencial entre afecção e sensação é que enquanto a primeira ocorre de modo interno, a segunda é através dos dados dos sentidos.

<sup>39</sup> “Parece portanto que há efetivamente uma diferença de grau, e não de natureza, entre a afecção e a percepção. Ora, a primeira está intimamente ligada à minha existência pessoal: o que seria, com efeito, uma dor separada do sujeito que a sente”? BERGSON, H. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. Trad. Paulo Neves. 2º edição. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 54.

<sup>40</sup> BERGSON, H. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. Trad. Paulo Neves. 2º edição. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 288.

## 1.2 EM BUSCA DO TEMPO PERDIDO: AS MEMÓRIAS DE PROUST

Já se disse, com razão, que todas as grandes obras literárias ou inauguram um gênero ou o ultrapassam, isto é, constituem casos excepcionais. Mas esta (*Em Busca do Tempo Perdido*, j.s.s.) é uma das menos classificáveis. A começar pela estrutura que conjuga a poesia, a memorialística e o comentário, até a sintaxe, com suas frases torrenciais (um Nilo da linguagem, que transborda nas planícies da verdade, para fertilizá-las), tudo aqui excede a norma.  
Benjamin, *A imagem de Proust*, p.36.

É impossível não concordar com as belas palavras de Benjamin acerca do romance de Proust. Naturalmente qualquer tentativa de classificar a obra é em vão. No entanto, necessitamos apresentar brevemente algumas das contribuições do romancista para a questão da memória, impreterível para a elaboração de nossa pesquisa.

Para fins metodológicos teremos como base o livro *No caminho de Swann*, que é apenas um dos treze livros que compõem o monumental legado proustiano. Temos a ingrata missão de expor algumas ideias nucleares deste livro com o intuito de esclarecer em que medida Proust se ocupou da temática da memória, e como sua concepção é relevante ainda hoje, passado quase um século da publicação do romance.

No prefácio de sua tradução pela Ediouro, Fernando Py afirma categoricamente que “*o enredo tem uma importância secundária na obra máxima de Proust. A história propriamente narrada de ‘Em Busca do Tempo Perdido’ pode ser resumida em poucas páginas e terá interesse maior apenas para quem não possui qualquer noção da obra*”<sup>41</sup>. Por esta razão, vale sublinhar que não pretendemos aqui sintetizar a obra proustiana, ou reduzi-la a temática da memória, tarefa que por si só é descabida, nem tampouco narrar o enredo do livro. Todavia, aspiramos apontar para alguns elementos da obra que sustentem uma teoria da memória em Proust.

Marcel, o narrador<sup>42</sup>, começa descrevendo, com uma impressionante riqueza de detalhes, as impressões que surgem na sua consciência a partir de vivências relacionadas ao ato de dormir, de sonhar e de acordar<sup>43</sup>. O modo que isso é feito impressiona porque a arte de escrever do autor se mistura incessantemente com a altíssima capacidade de descrever estados e a perfis psicológicos. O tempo subjetivo emerge das primeiras páginas do romance já que “*um homem quando dorme sustenta em círculo, a seu redor, o fio das horas, a ordenação dos anos e dos mundos*”<sup>44</sup>. O tempo subjetivo, que assim como o inconsciente freudiano, não tem instantes, não tem começo nem fim. O mundo dos sonhos, nome que ele dá para esta realidade subjetiva, lhe provoca lembranças involuntárias dos

---

<sup>41</sup> PY, F. *Prefácio*. In: PROUST, M. *No caminho de swamm*. Trad. Fernando Py. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004. p. 10.

<sup>42</sup> É importante ressaltar que o nome de Marcel aparecerá somente duas vezes num dos livros finais que compõem a monumental saga do escritor.

<sup>43</sup> PROUST, M. *No caminho de swamm*. Trad. Fernando Py. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004. p. 21-22.

<sup>44</sup> PROUST, M. *No caminho de swamm*. Trad. Fernando Py. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004. p.22.



terrores vividos em sua infância, mas também lhe propicia momentos de gozo inomináveis<sup>45</sup>. É sonhando que o narrador vive o prazer do contato corporal com uma mulher, que ele chama de filha de seus sonhos<sup>46</sup>. Mas é ao despertar que as lembranças de um passado remoto surgem. Lembranças que flamejam tão escassamente em sua consciência quanto à luz oriunda de uma lâmpada de cristal da Boêmia<sup>47</sup>. Mas são estas memórias, da sua infância em Combray<sup>48</sup>, da casa de seus avós, do beijo de sua mãe, que o ajudavam a suportar o niilismo existencial do qual estava enredado: “*aí então a lembrança- não ainda do lugar que estava, mas de outro onde havia morado e onde poderia estar- me chegava como socorro do alto para me livrar do nada de onde não poderia sair sozinho*”<sup>49</sup>. Este tipo de memória, que o personagem-narrador consegue invocar com consciência disso, se chama memória voluntária<sup>50</sup>.

Não obstante nos momentos em que Marcel despertava de seus sonhos, seu espírito agitado contrastava com seu corpo entorpecido<sup>51</sup>. O corpo lhe oferecia lembranças que o intelecto não conseguia obter sozinho, pois “*todos os esforços de nossa inteligência são inúteis*”<sup>52</sup> para poder evocá-las. É então que surge, nesta dialética do corpo e do espírito, a formulação da concepção de memória involuntária, ou seja, aquela que está aquém da consciência. Vejamos:

Meu corpo entorpecido demais para se mexer, buscava segundo a forma de seu cansaço localizar a posição dos membros para daí deduzir a direção da parede, a situação dos móveis, para reconstruir e denominar a moradia em que se achava. Sua memória, a memória de suas costelas, dos joelhos, dos ombros, lhe apresentava sucessivamente vários quartos onde havia dormido(...)E antes mesmo que meu pensamento, vacilantes no limiar dos tempos e das formas, tivesse identificado o aposento para reunir as circunstâncias, ele, meu corpo, recordava, para cada quarto, o tipo de cama, o local das portas, o lado para onde davam as janelas, a existência de um corredor, tudo isso com o pensamento que eu tivera ao adormecer e que voltava a encontrar quando despertava<sup>53</sup>.

O corpo registra lembranças que o intelecto não é capaz de preservar. A memória involuntária é aquela que ocorre por acaso<sup>54</sup>. Está aquém da consciência porque não depende dela para surgir e permanecer. Para ilustrá-la, Proust faz uma analogia com a crença céltica na metempsicose<sup>55</sup>. A função da analogia é mostrar que este tipo de memória, o ponto cego da sensibilidade no intelecto, tem uma lógica de funcionamento que ultrapassa a finitude do acontecimento vivido. Como observa

---

<sup>45</sup> PROUST, M. *No caminho de swamm*. Trad. Fernando Py. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004. p.22.

<sup>46</sup> PROUST, M. *No caminho de swamm*. Trad. Fernando Py. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004. p.22.

<sup>47</sup> PROUST, M. *No caminho de swamm*. Trad. Fernando Py. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004. p.23.

<sup>48</sup> PROUST, M. *No caminho de swamm*. Trad. Fernando Py. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004. p.25.

<sup>49</sup> PROUST, M. *No caminho de swamm*. Trad. Fernando Py. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004. p.23.

<sup>50</sup> Benjamin oferece uma interessante explicação sobre a memória voluntária: “*Proust limitara-se ao que lhe proporcionava uma memória disposta a responder ao chamado da atenção. Essa é a *mémoire volontaire*, a lembrança voluntária da qual se pode dizer que as informações que nos proporciona sobre o passado, não conservam nada dele*”. In: BENJAMIN, W. *Sobre alguns temas de Baudelaire*. Trad. Heindrun da Silva, Arlete de Brito e Tânia Jatobá. 2ª edição. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000. p.35-36.

<sup>51</sup> PROUST, M. *No caminho de swamm*. Trad. Fernando Py. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004. p.23.

<sup>52</sup> PROUST, M. *No caminho de swamm*. Trad. Fernando Py. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004. p. 51.

<sup>53</sup> PROUST, M. *No caminho de swamm*. Trad. Fernando Py. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004. p.23.

<sup>54</sup> PROUST, M. *No caminho de swamm*. Trad. Fernando Py. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004. p. 51.

<sup>55</sup> PROUST, M. *No caminho de swamm*. Trad. Fernando Py. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004. p.51.

Benjamin na trilha de Proust, o mais importante para quem rememora não é saber se a lembrança corresponde fielmente com aquilo que foi vivido, pois lembrar não é conhecer<sup>56</sup>. O relevante na memória involuntária é o fato de que ela é uma espécie de chave que abre a porta da consciência e instala uma nova maneira de perceber o mundo e a si mesmo, façanha que a memória do intelecto é incapaz.

Ainda sobre a memória involuntária, vale citar o início da célebre passagem em que o personagem-narrador come o biscoito *Madeleine*, instante este marcante não só para quem vivenciou isto na pele, como é o caso de Proust, mas para todos aqueles leitores que aceitaram o convite do romancista ,em pensar a memória como algo que paradoxalmente se presentifica no próprio esquecimento da percepção que possibilitou sua reminiscência:

Fazia já muitos anos que, de Combray, tudo que não fosse o teatro e o drama do meu deitar não existia mais para mim, quando num dia de inverno, chegando eu em casa, minha mãe, vendo-me com frio, propôs que tomasse, contra meus hábitos, um pouco de chá(...). Ela mandou buscar um desses biscoitos curtos e rechonchudos chamados madeleines(...). Levei à boca uma colherada de chá onde deixara amolecer um pedaço da madeleine.Mas no mesmo instante que esse gole, misturado com os farelos do biscoito, tocou em meu paladar, estremeci atento ao que se passava de extraordinário em mim. Invadiram-me um prazer delicioso, isolado, sem a noção de sua causa. (...)Já não me sentia medíocre, contingente, mortal.De onde poderia ter vindo essa alegria poderosa? Sentia que estava ligada ao gosto de chá e do biscoito, mas ultrapassava-o infinitivamente, não deveria ser da mesma espécie. De onde vinha? Que significaria? Onde apreendê-la? Bebi um segundo gole no qual não achei nada além do que no primeiro, um terceiro que me trouxe um tanto menos que o segundo. É tempo de parar, o dom da bebida parece diminuir. É claro que a verdade que busco não está nela, mas em mim(...) E de súbito a lembrança me apareceu. Aquele gosto era do pedaço de *madeleine* que minha Léonie me dava aos domingos pela manhã em Combray(...) E logo que reconheci o gosto do pedaço de *Madeleine*(...)logo a velha casa cinzenta que dava para rua(...), casas, pessoas consistentes e reconhecíveis, assim agora todas as flores do nosso jardim e as do parque do Sr. Swann, e as ninfeias do Vivonne, e a boa gente da aldeia e suas pequenas residências, e a igreja, e toda Combray e suas redondezas, tudo isso que toma forma e solidez, saiu, cidade e jardins, de minha xícara de chá<sup>57</sup>.

Sabemos que os recortes que praticamos são, em certa medida, injustos. Mas assim como todas as tentativas de se fracionar o tempo acabam sendo uma ilusão necessária à razão, nossos cortes neste texto-tecido<sup>58</sup> se pautou num motivo de ordem prática. Precisávamos retratar a memória involuntária. Mesmo tendo ciência que é praticamente impossível existir alguém que tenha vivido até agora sem ter se deparado com ela. Como Benjamin salienta através Max Unold,

ele( Proust, j.s.s.)conseguiu tornar interessantes as histórias de cocheiro. Ele diz: imagine, caro leitor, ontem eu mergulhei um bolinho numa xícara de chá,e então me lembrei que tinha morado no campo, quando criança. Para dizer isso, Proust usa

---

<sup>56</sup> BENJAMIN, W. *A imagem de Proust.*: In: BENJAMIN, W. *Magia, técnica, arte e política*. Trad. Sérgio Paulo Roaunet. São Paulo: Editora Brasileira, 1987. p.37.

<sup>57</sup> PROUST, M. *No caminho de swamm*. Trad. Fernando Py. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004. p. 51-53.

<sup>58</sup> BENJAMIN, W. *A imagem de Proust.*: In: BENJAMIN, W. *Magia, técnica, arte e política*. Trad. Sérgio Paulo Roaunet. São Paulo: Editora Brasileira, 1987. p.38.

oitenta páginas, e o faz de modo tão fascinantes que deixamos de ser ouvintes, e nos identificamos com o próprio narrador desse sonho acordado<sup>59</sup>.

É um biscoito, chamado *madeleine*, que teve a capacidade de transportar o personagem-narrador para uma dimensão que ele jamais conseguiria conscientemente. O trabalho de rememorar intencionalmente aquilo que foi vivido é uma tarefa baldosa<sup>60</sup>. Isto implica, segundo o romance de Proust, que Bergson erra ao tentar aproximar demais a consciência da memória. O enorme edifício da recordação<sup>61</sup> é constantemente desconstruído pela percepção, a tal ponto que a consciência se comporta como uma criança cercada pelas ruínas da imaginação. O enfoque bergsoniano no fato da memória estar sempre presente no ato de perceber acaba por desviar sua atenção para outro fato não menos importante: o de que para perceber o objeto presente não é necessário lembrar, mas esquecer. As migalhas de *madeleine* não serão vistas como pedacinhos de bolo enquanto Marcel não esquecer as memórias que elas provocam. Como observa Benjamin, “*a memória involuntária não estaria mais próxima do esquecimento do que daquilo que em geral chamamos de reminiscência*”<sup>62</sup>. Veremos, a seguir, que esta hipótese benjaminiana nos servirá como pista decisiva para a compreensão do rompimento do elo permanente entre Bergson e Proust no que diz respeito o tema da memória. A correlação entre memória e esquecimento é essencial também para o entendimento da psicanálise da memória e sua proximidade com a neurociência da memória de Izquierdo.

## 2 TENSÕES ENTRE BERGSON E PROUST :A LEITURA DE BENJAMIN

Na concepção de Benjamin a literatura representa uma chave importante de acesso à realidade. A separação rígida entre a ficção e o real, às vezes tão cara à filosofia e à ciência, é eliminada pelo filósofo alemão. Isso não implica que Benjamin seja algum cético com relação à verdade. No entanto, como um bom defensor do materialismo histórico<sup>63</sup>, nega a possibilidade de se ter acesso à verdade sem levar em consideração o devir histórico<sup>64</sup>. Mais do que isto: só podemos chegar a alguma universalidade através do particular, que nunca é algo puramente metafísico. Eis o principal ponto de convergência entre os pensadores da Primeira Geração da Escola de Frankfurt: o peso em que a história tem na elaboração do pensamento filosófico.

---

<sup>59</sup> BENJAMIN, W. *Magia, técnica, arte e política*. Trad. Sérgio Paulo Roaunet. São Paulo: Editora Brasileira, 1987. p.39.

<sup>60</sup> PROUST, M. *No caminho de swamm*. Trad. Fernando Py. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004. p. 51 e 58.

<sup>61</sup> PROUST, M. *No caminho de swamm*. Trad. Fernando Py. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004. p. 53.

<sup>62</sup>

<sup>63</sup> Cf BENJAMIN, W. *Sobre o conceito da história*. In: BENJAMIN, W. *Magia, técnica, arte e política*. Trad. Sérgio Paulo Roaunet. São Paulo: Editora Brasileira, 1987. p.222.

<sup>64</sup> “*O materialista histórico não pode renunciar ao conceito de um presente que não é transição, mas pára no tempo e se imobiliza. Porque esse conceito define exatamente aquele presente em que ele mesmo escreve a história. O historicista apresenta a imagem “eterna” do passado, o materialista histórico faz desse passado uma experiência única*”. BENJAMIN, W. *Sobre o conceito da história*. In: BENJAMIN, W. *Magia, técnica, arte e política*. Trad. Sérgio Paulo Roaunet. São Paulo: Editora Brasileira, 1987. p.230-231.

O leitor de Benjamin está acostumado a de se deparar constantemente com citações de autores que geralmente são classificados como literários, tais como por exemplo, Edgar Allan Poe, Paul Valéry, Franz Kafka, Nikolai Leskov, Charles Baudelaire, e, obviamente, Marcel Proust. Mas a evocação destes autores nunca tem um caráter de retórica, já que a literatura tem um papel determinante na formulação e resolução de problemas filosóficos investigados pelo filósofo alemão<sup>65</sup>.

Para se ter uma ideia, tomamos, por exemplo, o problema da atrofia da experiência no capitalismo tardio. Este tema aparece em vários dos seus escritos, tais como tais como “*Experiência e Pobreza*”, “*Teorias do Fascismo Alemão*”, “*Sobre o conceito de história*”(tese 16), “*Sobre alguns temas de Baudelaire*”, entre outros. Mas é no texto chamado *O narrador*, que o filósofo alemão apresenta o escritor russo Leskov como a figura emblemática do sujeito capaz de contar histórias, capacidade cada vez mais extinta no contexto da modernidade tardia<sup>66</sup>. Por outro lado, Kafka aparece como o maior exemplo do narrador moderno que trata “*da perda da experiência, da desagregação da tradição e do desaparecimento do sentido primordial*”<sup>67</sup>. Quando o tema é a modernidade, temos a figura do poeta Baudelaire, “*imagem do herói*”<sup>68</sup>, incontornável para a compreensão filosófica deste período. Proust, por sua vez, será importante pelas razões que veremos a seguir.

Segundo Benjamin, desde o fim do século XIX, a filosofia tem como projeto apreender a verdadeira experiência (*Erfahrung*), que é o oposto da existência desnaturalizada das massas (*Erlebnis*)<sup>69</sup>. Ele chama estas tentativas de alcançar a “*Erfahrung*” de filosofia da vida. Cita os nomes de Dilthey, Klages e Jung como aqueles filósofos que se debruçaram sobre o problema da falsa experiência<sup>70</sup>. Nenhum deles, no entanto, chegou perto da resolução desta querela. É então que Benjamin evoca o nome de Bergson, como tendo um papel de destaque neste contexto filosófico. Todavia, o elogio ao filósofo francês vem acompanhado também com uma dura crítica ao caráter biologicista do pensamento do filósofo francês. Vejamos:

Como um monumento, imponente, destaca-se, entre esta literatura, a obra jovem de Bergson “*Matière et Mémoire*”. Este livro conserva, mais que qualquer outro, sua

---

<sup>65</sup> Para uma compreensão mais profunda sobre o papel da literatura na filosofia de Benjamin, ler o seminal livro de Gagnebin: GAGNEBIN, J.M. *Lembrar, escrever, esquecer*. São Paulo: Ed. 34, 2006.

<sup>66</sup> “*É a experiência de que a arte de narrar está em vias de extinção. São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente. Quando se pede num grupo que alguém narre alguma coisa, o embaraço se generaliza. É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências*”. BENJAMIN, W. *Magia, técnica, arte e política*. Trad. Sérgio Paulo Roaunet. São Paulo: Editora Brasileira, 1987. p.197.

<sup>67</sup> BENJAMIN, W. *Magia, técnica, arte e política*. Trad. Sérgio Paulo Roaunet. São Paulo: Editora Brasileira, 1987. p.18.

<sup>68</sup> BENJAMIN, W. *A modernidade e os modernos*. Trad. Heindrun da Silva, Arlete de Brito e Tânia Jatobá. 2º edição. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000. p.5.

<sup>69</sup> BENJAMIN, W. *Sobre alguns temas de Baudelaire*. In: BENJAMIN, W. *A modernidade e os modernos*. Trad. Heindrun da Silva, Arlete de Brito e Tânia Jatobá. 2º edição. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000. p.34. Michael Löwy define “*Erfahrung*” como a experiência “*fundada na memória de uma tradição cultural e histórica*”, e “*Erlebnis*” como “*vivência provocada por um comportamento reativo, de autômatos, que liquidaram por completo sua própria memória*”. (Tradução nossa). In: LÖWY, M. *Walter Benjamin: aviso de incêndio*. Trad. Horacio Pons. Argentina: Fondo de Cultura Económica, 2003. p.29-30.

<sup>70</sup> BENJAMIN, W. *Sobre alguns temas de Baudelaire*. In: BENJAMIN, W. *A modernidade e os modernos*. Trad. Heindrun da Silva, Arlete de Brito e Tânia Jatobá. 2º edição. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000. p34

relação com a investigação exata. Está orientado pela biologia. Seu título diz, antecipadamente, que nele se considera a estrutura da memória como decisiva para a experiência. Realmente, a experiência é um fato de tradição, tanto na vida privada quanto na coletiva. A experiência não consiste precisamente com acontecimentos fixados com exatidão na lembrança, e sim, em dados acumulados, frequentemente de forma inconsciente, que afluem à memória. Mas Bergson não se propõe, de modo algum, à especificação histórica da memória. Inclusive não aceita qualquer determinação histórica da experiência. Desta forma evita, sobretudo, e essencialmente, ter que se aproximar da experiência da qual surgiu sua filosofia ou, melhor dizendo, contra a qual ela surgiu.<sup>71</sup>

Como podemos perceber, Benjamin elogia parcialmente a maneira pela qual o tratamento da experiência é realizada por Bergson. Pensar na experiência, e aqui estamos nos referindo à experiência no sentido de "*Erfahrung*", sem levar em consideração o rastro deixado pela memória na subjetividade, é, sem dúvida, o principal erro do pensamento que pretende ser filosófico. No entanto, o caráter dialético do pensamento de Benjamin não permite que o *déficit* histórico da teoria da experiência presente em *Matéria e Memória* passe despercebido. A tensão entre história e memória é então sublinhada pelo filósofo alemão. Não é possível tratar da memória sem a tradição. A arqueologia do saber feita por Benjamin tenta alcançar a compreensão da memória que não se limite ao caráter individual da mesma.

"*Matière et Mémoire*" define o caráter da experiência da *durée* de tal forma, que o leitor deve dizer-se: apenas o poeta pode ser o sujeito adequado de uma experiência semelhante. E foi, com efeito, um poeta que pôs à prova a teoria bergsoniana da experiência. Pode-se considerar a obra de Proust, "*À la Recherche du Temps Perdu*", como a tentativa de produzir artificialmente, nas atuais condições sociais, a experiência tal como a entende Bergson.<sup>72</sup>

Sobre esta passagem, Fernando Del Lama argumenta que

experiência nos moldes bergsonianos dificilmente se realizará por meios naturais: as ideias de Bergson são demasiado idealizadas, não se aplicam à realidade; Proust, por sua vez, encara a situação com mais lucidez e tenta recriar, na medida do possível e sob as condições sociais vigentes, a experiência tal como Bergson a concebera<sup>73</sup>.

Como vimos anteriormente um dos aspectos centrais da memória involuntária de Proust é o do acaso, ou o da imprevisibilidade do seu surgimento. Para Benjamin esta acidentalidade prova que não há correspondência direta entre consciência e memória<sup>74</sup>, como defende Bergson. Destarte que o

---

<sup>71</sup> BENJAMIN, W. *Sobre alguns temas de Baudelaire*. In: BENJAMIN, W. *A modernidade e os modernos*. Trad. Heindrun da Silva, Arlete de Brito e Tânia Jatobá. 2º edição. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000. p34

<sup>72</sup> BENJAMIN, W. *Sobre alguns temas de Baudelaire*. In: BENJAMIN, W. *A modernidade e os modernos*. Trad. Heindrun da Silva, Arlete de Brito e Tânia Jatobá. 2º edição. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000. p.35.

<sup>73</sup> LAMA, F.A.D. *Da memória involuntária à incompatibilidade consciência-memória: aproximações benjaminianas entre Proust e Freud*. Marília: Vol. 5, 2012. < [www.marilia.unesp.br/filogenese](http://www.marilia.unesp.br/filogenese)>. Acesso em 2 de maio de 2013. 15:00:00. p.24.

<sup>74</sup> "Para Proust, depende do acaso a circunstância de que o indivíduo conquiste uma imagem de si mesmo, ou se aposses de sua própria experiência. Dependem do acaso em tal questão, não é, de modo algum, natural". BENJAMIN, W. *Sobre alguns temas de Baudelaire*. In: BENJAMIN, W. *A modernidade e os modernos*. Trad. Heindrun da Silva, Arlete de Brito e Tânia Jatobá. 2º edição. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000. p.35-36.

filósofo alemão encontra uma contradição interna na teoria da memória bergsoniana : ao mesmo tempo em que Bergson aproxima sua concepção de memória da biologia, ele também acaba afastando pelo altíssimo teor poético. Assim, Bergson acaba caindo numa espécie de idealismo biológico.

Torna-se evidente que Benjamin, não só nega a redução da concepção de memória presente no romance de Proust à teoria de Bergson, como também afirma decididamente que “*Proust, ademais, não se omite em sua obra à discussão deste problema. Introduce de tal forma um elemento novo, que contém uma crítica imanente a Bergson*”<sup>75</sup>. No entanto, o caráter dialético da leitura benjaminiana nos surpreende quando lemos que “*a ‘mémoire purê’ da teoria bergsoniana converte-se nele em ‘mémoire involontaire’*. Desde o começo Proust confronta esta memória involuntária com a voluntária, que se acha à disposição do intelecto”. É que na verdade, os pontos de contato entre Bergson e Proust existem, e nunca foram negados por Benjamin, mas temporariamente suspensos.

Benjamin parte do pressuposto que nem Proust e nem Bergson foram capazes de atingir a “*Erfahrung*”, mas estão tateando no nível da “*Erlebnis*”<sup>76</sup>. E a verdadeira experiência só pode ser atingida quando há uma verdadeira narração<sup>77</sup>. A artificialidade da tentativa proustiana de reproduzir o conceito de experiência bergsoniana está no fato de que somente um poeta, sensível como Proust, foi capaz de compreender tal conceito, e conseguir aplicar de modo mais social, menos idealizado que Bergson. Isso não quer dizer que Benjamin esteja menosprezando a poesia, mas tão somente que a poesia não é capaz de narrar sozinha o modo adequado como a memória opera.

Ao afastar Proust de Bergson, Benjamin está ciente de que pode estar abrindo mão de formular uma teoria da memória fundamentada num modelo de cientificidade. Benjamin não pretende, contudo, se esquivar da ciência, pois ele sabe que uma teoria da memória precisa do aparato de uma teoria científica. Mas não pode ser qualquer teoria. É por isso que o filósofo escolhe a psicanálise. Sua proposta é ousada: aproximar Proust de Freud. Vejamos como isso ocorre.

### **3 MEMÓRIA EM FREUD: PARA ALÉM DA PERCEPÇÃO E DA CONSCIÊNCIA**

---

<sup>75</sup> BENJAMIN, W. *Sobre alguns temas de Baudelaire*. In: BENJAMIN, W. *A modernidade e os modernos*. Trad. Heindrun da Silva, Arlete de Brito e Tânia Jatobá. 2º edição. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000. p.35.

<sup>76</sup> “*No decorrer destas reflexões forja a expressão mémoire involontaire, que conserva as impressões da situação em que foi criada. Ela corresponde ao repertório íntimo da pessoa, isolada em todos os sentidos. Onde há experiência, no sentido próprio do termo, certos conteúdos do passado individual entram em conjunção na memória com elementos do passado coletivo*”. BENJAMIN, Walter. *A modernidade e os modernos*. Trad. Heindrun da Silva, Arlete de Brito e Tânia Jatobá. 2º edição. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000.p 37.

<sup>77</sup> “*A narração não visa, como a informação, a comunicar o puro em-si do acontecido, mas o incorpora na vida do relator, para proporcioná-lo, como experiência, aos que escutam. Assim, no narrado fica a marca do narrador, como a impressão da mão do oleiro sobre o pote de argila*”. BENJAMIN, W. *Sobre alguns temas de Baudelaire*. In: BENJAMIN, W. *A modernidade e os modernos*. Trad. Heindrun da Silva, Arlete de Brito e Tânia Jatobá. 2º edição. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000. p.36-37.

Em busca de uma definição mais concreta do que seja a memória, Benjamin propõe que rememoremos os escritos de Freud com o intuito de contrastar com as teorias de Bergson e Proust<sup>78</sup>.

O ensaio freudiano que Benjamin toma como base é o de 1921, qual seja “*Além do Princípio do Prazer*”. Como o título já sugere, Freud pretende apontar para uma dimensão do aparelho psíquico que se situa para além das pulsões eróticas. O princípio do prazer, grosso modo, se baseia na hipótese de que a mente possui a tendência natural de manter a quantidade de excitação nela presente tão baixa quanto for possível<sup>79</sup>. Tendência significa força de estabilidade. Que a mente procure a estabilidade não é questionado por Freud. No entanto, sua preocupação maior é tentar desfazer com a ideia de que o princípio de prazer é o carro-chefe do aparelho psíquico, preconceito que se criou em torno de sua teoria psicanalítica<sup>80</sup>. Isso implica que existe outro princípio, situado aquém do prazer, que é uma tendência psíquica mais primitiva, mais predominante na atividade mental: nada mais do que a pulsão de morte<sup>81</sup>. Como salienta Giacoia Júnior, as pulsões eróticas do princípio do prazer são apenas desvios permanentes no caminho para a morte<sup>82</sup>.

Freud acredita que a sede da consciência está no córtex cerebral<sup>83</sup>. No entanto, ele não está convencido de que a memória tenha correspondência direta com a consciência. A suspeita do médico tcheco acerca do primado do consciente nas funções psíquicas é transferida também para o campo mnêmico.

o aparelho perceptual de nossa mente consiste em duas camadas, de um escudo protetor externo contra estímulos, cuja missão é diminuir a intensidade das excitações que estão ingressando, e de uma superfície por trás dele receptora dos estímulos, ou seja, o sistema Percepção-Consciência<sup>84</sup>.

No seminal ensaio de 1925, intitulado “*Uma Nota sobre o Bloco Mágico*”, Freud retoma com a temática do Sistema Percepção-Consciência. No entanto, neste ensaio encontramos importantes contribuições para a elaboração de uma teoria da memória em termos proustianos. O título do ensaio se refere analogicamente a um brinquedo que, como veremos, é muito parecido com o modo em que nossa memória opera.

---

<sup>78</sup> BENJAMIN, Walter. *A modernidade e os modernos*. Trad. Heindrun da Silva, Arlete de Brito e Tânia Jatobá. 2<sup>o</sup> edição. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000.p37.

<sup>79</sup> FREUD, S. *Além do princípio do prazer*. Trad. Durval Marcondes e J. Barbosa Corrêa. Edição Standart brasileira das obras psicológicas completas. Rio de Janeiro: Imago,1970. p.5

<sup>80</sup> FREUD, S. *Além do princípio do prazer*. Trad. Durval Marcondes e J. Barbosa Corrêa. Edição Standart brasileira das obras psicológicas completas. Rio de Janeiro: Imago,1970. p.6

<sup>81</sup> FREUD, S. *Além do princípio do prazer*. Trad. Durval Marcondes e J. Barbosa Corrêa. Edição Standart brasileira das obras psicológicas completas. Rio de Janeiro: Imago,1970. p.45.

<sup>82</sup> GIACÓIA Jr, O. *Além do princípio do prazer: um dualismo incontornável*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.p.94.

<sup>83</sup> FREUD, S. *Além do princípio do prazer*. Trad. Durval Marcondes e J. Barbosa Corrêa. Edição Standart brasileira das obras psicológicas completas. Rio de Janeiro: Imago,1970.p.15.

<sup>84</sup> FREUD, S. *Uma nota sobre o bloco mágico*. Trad. Durval Marcondes e J. Barbosa Corrêa. Edição Standart brasileira das obras psicológicas completas. Rio de Janeiro: Imago,1970.p.4. FREUD, S. *Uma nota sobre o bloco mágico*. Trad. Durval Marcondes e J. Barbosa Corrêa. Edição Standart brasileira das obras psicológicas completas. Rio de Janeiro: Imago,1970.p. 4.

“O Bloco Mágico é uma prancheta de resina ou cera castanha-escura, com uma borda de papel”<sup>85</sup>. Ele é comumente encontrado em países anglo-saxões. Este brinquedo prometia substituir o papel e a lousa. Sua estrutura é simples. É formado basicamente por papéis e uma prancheta. Sobre a prancheta se encontra uma folha separada em duas camadas. Uma camada é composta de papel celuloide transparente. Esta é a camada de cima, que segundo Freud é a parte mais interessante do dispositivo<sup>86</sup>, pois serve de proteção para a camada inferior que é composta por uma papel encerado bastante sensível. Toda vez que se escreve na prancheta fica registrado visivelmente aquilo que é escrito na camada superior. Quando se pretendia fazer outra figura ou escrever outra coisa, apenas era necessário destacar a camada de celuloide. No entanto, mesmo a camada de cera continha marcas de registros anteriores, que só poderiam ser vistas com auxílio de uma observação atenta. É observando este ingênuo brinquedo que Freud constata que a sua estrutura dele é análoga a nosso aparelho psíquico. Mas por quê? A resposta é simples. O papel transparente é igual a nossa Sistema Percepção-Consciência. É por ali que passam todas as experiências conscientes do indivíduo, que quando não interessam mais, são descartadas pelo próprio aparelho psíquico. Já o papel encerado seria como o inconsciente: nele ficam alguns rastros de nossa percepção conscientes. Daí porque traumas e neuroses atormentam tanto a vida de quem os possui. A memória age desse modo: é no inconsciente em que ela se aloja. As lembranças estão no inconsciente e não na consciência e na percepção. Por isso que a memória involuntária de Proust está mais para a teoria do bloco mágico freudiana: *traduzido para a terminologia proustiana: só pode chegar a ser parte integrante da mémoire involontaire aquilo que não tenha sido vivido expressa e conscientemente, em suma, aquilo que não tenha sido uma "experiência vivida"*<sup>87</sup>. Segundo Olgária de Matos,

no ‘bloco mágico’, no qual tudo o que é grafado apaga-se assim que se levanta a folha transparente sobre a qual se escreve, Freud considera que a inscrição das excitações vivenciadas nos sistemas psíquico atestam a incompatibilidade entre a consciência e a memória. As excitações não podendo se tornar inconscientes são estocadas em outra parte que não a consciência, a saber, em dois outros sistemas, o pré-consciente e o consciente: a consciência nasceria no lugar do rastro mnésico”<sup>88</sup>.

Assim como o papel de celuloide protege o papel encerado do atrito, o Sistema Percepção-Consciência<sup>89</sup> resguarda o inconsciente de qualquer choque, o que leva Benjamin afirmar que *a consciência como tal não abrigaria marcas mnemônicas. Em compensação, a consciência teria uma*

---

<sup>85</sup> FREUD, S. *Uma nota sobre o bloco mágico*. Trad. Durval Marcondes e J. Barbosa Corrêa. Edição Standart brasileira das obras psicológicas completas. Rio de Janeiro: Imago, 1970.p.3.

<sup>86</sup> FREUD, S. *Uma nota sobre o bloco mágico*. Trad. Durval Marcondes e J. Barbosa Corrêa. Edição Standart brasileira das obras psicológicas completas. Rio de Janeiro: Imago, 1970.p.3.

<sup>87</sup> BENJAMIN, W. *A modernidade e os modernos*. Trad. Heindrun da Silva, Arlete de Brito e Tânia Jatobá. 2ª edição. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000.p.38.

<sup>88</sup> MATOS, O. C. F. *Benjaminianas: cultura capitalista e fetichismo contemporânea*. São Paulo; Editora UNESP, 2010. p.266-267. Apud LAMA, F.A.D. *Da memória involuntária à incompatibilidade consciência-memória: aproximações benjaminianas entre Proust e Freud*. Marília: Vol. 5, 2012. < [www.marilia.unesp.br/filogenese](http://www.marilia.unesp.br/filogenese)>. Acesso em 2 de maio de 2013. 15:00:00

<sup>89</sup> FREUD, S. *Além do princípio do prazer*. Trad. Durval Marcondes e J. Barbosa Corrêa. Edição Standart brasileira das obras psicológicas completas. Rio de Janeiro: Imago, 1970.p.13.



*função distinta e de importância: a de servir de proteção contra os estímulos.*<sup>90</sup> Por isso que Freud constrói dois conceitos fundamentais de sua obra, qual seja o de extinção e o da repressão com o intuito de explicar os processos mentais que levam o sujeito a apagar simplesmente de sua memória eventos que causam sofrimento ou dor, tais como fobias, neuroses, traumas, etc. Repressão é, grosso modo, a ação de borrar voluntariamente ou involuntariamente da memória algum acontecimento que tenha provocado algum tipo de choque no indivíduo. Já a extinção diz respeito à associação imediata de causa e efeito que algum estímulo exterior pode provocar no aparelho psíquico de quem percebe por causa de algum evento marcante no passado. Para ilustrar é interessante ter em mente o exemplo de Pavlov, primeiro a descobrir a extinção. Ele observou que todas as vezes que fazia o barulho do pratinho de comida dos seus cachorros, eles associavam ao horário de comer. Os cachorros criaram uma relação de causa e efeito entre o som do prato e o momento de comer. Pavlov então iniciou um processo de desconstrução dessa memória. Ele começou a não dar mais comida para seus cachorros. Então os animaizinhos perderam a relação de causa e efeito com relação ao momento de comer. Freud aplica essa técnica em pacientes com fobias. O pai da psicanálise descobriu que quanto mais os pacientes com fobias se deparavam com aquilo que lhes causavam medo menos eles sentiam terror, até a total extinção do temor.

A esse altura de nossa análise podemos concluir voltando inevitavelmente para a questão da pobreza da experiência na modernidade, pois “*a investigação de Freud partia de um sonho típico nas neuroses de origem traumática. Esse sonho reproduz a catástrofe a partir da qual o indivíduo se torna confuso*”<sup>91</sup>. O modo pelo qual vivemos na sociedade capitalista em que estamos submersos é um palco perfeito para a compreensão do fato de como as memórias estão ligadas com as experiências traumáticas. Nos centros urbanos, pelos quais as massas caminham sem rumo, onde a riqueza econômica contrasta com a pobreza cultural, de tal modo que apatia acaba por ser a regra; os jornais, que impossibilitam o homem de receber as notícias bárbaras com mínimo de empatia, justificando a tese da história como a narrativa do vencedor, não do oprimido, é um sintoma da patologia de nosso tempo. A pobreza da experiência está ligada a ausência de memórias, a falta de passado, ao esquecimento da tradição, que impossibilita a reconhecer alguma esperança a partir das ruínas do passado, que, em última análise, inviabiliza o projeto de transformação da realidade, pois sem memórias não podemos pensar um futuro promissor por vir. Não é a toa que Benjamin encerra suas reflexões sobre Freud e Proust com o conceito de treinamento para o choque<sup>92</sup>. Conceitos que apontam para a naturalização do insuportável, característica marcante de nossa era. Para Benjamin, o problema da memória pode ser caracterizado pelo esquecimento da dimensão ética.

---

<sup>90</sup> BENJAMIN, W. A modernidade e os modernos. Trad. Heindrun da Silva, Arlete de Brito e Tânia Jatobá. 2º edição. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000.p.38.

<sup>91</sup> BENJAMIN, W. A modernidade e os modernos. Trad. Heindrun da Silva, Arlete de Brito e Tânia Jatobá. 2º edição. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000.p.38.

<sup>92</sup> BENJAMIN, W. A modernidade e os modernos. Trad. Heindrun da Silva, Arlete de Brito e Tânia Jatobá. 2º edição. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000.p.38.-39.

## REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, W. *A imagem de Proust.*: In: BENJAMIN, W. *Magia, técnica, arte e política*. Trad. Sérgio Paulo Roaunet. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.
- BENJAMIN, Walter. *A modernidade e os modernos*. Trad. Heindrun da Silva, Arlete de Brito e Tânia Jatobá. 2º edição. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000.
- BENJAMIN, W. *Magia, técnica, arte e política*. Trad. Sérgio Paulo Roaunet. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.
- BENJAMIN, W. *Sobre alguns temas de Baudelaire*. In: BENJAMIN, W. *A modernidade e os modernos*. Trad. Heindrun da Silva, Arlete de Brito e Tânia Jatobá. 2º edição. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000.
- BENJAMIN, W. *Sobre o conceito da história*. In: BENJAMIN, W. *Magia, técnica, arte e política*. Trad. Sérgio Paulo Roaunet. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.
- BERGSON, H. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. Trad. Paulo Neves. 2º edição. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- FREUD, S. *Além do princípio do prazer*. Trad. Durval Marcondes e J. Barbosa Corrêa. Edição Standart brasileira das obras psicológicas completas. Rio de Janeiro: Imago, 1970.
- FREUD, S. *Uma nota sobre o bloco mágico*. Trad. Durval Marcondes e J. Barbosa Corrêa. Edição Standart brasileira das obras psicológicas completas. Rio de Janeiro: Imago, 1970.
- GAGNEBIN, J.M. *Lembrar, escrever, esquecer*. São Paulo: Ed. 34, 2006.
- GIACÓIA Jr, O. *Além do princípio do prazer: um dualismo incontornável*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- LAMA, F.A.D. *Da memória involuntária à incompatibilidade consciência-memória: aproximações benjaminianas entre Proust e Freud*. Marília: Vol. 5, 2012. < [www.marilia.unesp.br/filogenese](http://www.marilia.unesp.br/filogenese)>. Acesso em 2 de maio de 2013. 15:00:00.
- LEHRER, J. *Proust era um neurocientista*. Trad. Ana Carneiro. Alfragide: Lua de Papel, 2009.
- LÖWY, M. *Walter Benjamin: aviso de incêndio*. Trad. Horacio Pons. Argentina: Fondo de Cultura Economica, 2003.
- MEGAY, J. *Bergson et Marcel Proust*. Paris: Vrin, 1976. Apud ROSSETTI, R. *Acordes e dissonâncias entre Bergson e Proust*. Filosofia Unisinos, 10(1):79-91, jan/abr, 2009.
- MATOS, O. C. F. *Benjaminianas: cultura capitalista e fetichismo contemporânea*. São Paulo; Editora UNESP, 2010. p.266-267. Apud LAMA, F.A.D. *Da memória involuntária à incompatibilidade consciência-memória: aproximações benjaminianas entre Proust e Freud*. Marília: Vol. 5, 2012. < [www.marilia.unesp.br/filogenese](http://www.marilia.unesp.br/filogenese)>. Acesso em 2 de maio de 2013. 15:00:00.
- PROUST, M. *No caminho de swamm*. Trad. Fernando Py. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.
- PY, F. *Prefácio*. In: PROUST, M. *No caminho de swamm*. Trad. Fernando Py. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.
- ROSSETTI, R. *Acordes e dissonâncias entre Bergson e Proust*. Filosofia Unisinos, 10(1):79-91, jan/abr, 2009.